

O RAP ENSINA: maneiras de fazer a lei 10.639/03

Larissa de Paiva Alves¹

RESUMO

Este artigo examina a importância do hip hop, particularmente o RAP, na formação da identidade racial e política de crianças e jovens negros/as, relacionando com a Lei 10.639/03, além de explorar seu potencial no processo de ensino-aprendizagem. Também é evidenciada a falta de inclusão da cultura afro-brasileira de forma efetiva na educação formal e a importância da educação não formal como um complemento necessário. Sendo assim, com base em experiências pessoais e um levantamento de pesquisas acadêmicas sobre o assunto, este trabalho apresenta algumas letras de músicas de rap e uma breve análise da música “Pedagoginga” de Thiago Elniño. Destacou-se o papel do rap como ferramenta de aprendizado mais inclusivo e diversificado, onde crianças e jovens negros/as se sentem representados/as e ouvidos/as.

Palavras-chave: RAP, Lei 10.639/03, ensino-aprendizagem.

Introdução

*Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença
Chega Sou voz das nega que integra resistência
Truta rima a conduta, surta, escuta, vai vendo
Tempo das mulher fruta, eu vim menina veneno
Sistema é faia, gasta, arrasta Cláudia que não raia
Basta de Globeleza, firmeza? Mó faia.²*

Minha trajetória escolar foi permeada por experiências em escolas públicas em Brasília e na região de Goiás. Durante os anos de 2008 a 2017 cursei a educação básica, porém tenho poucas lembranças de momentos em que me senti verdadeiramente incluída nas temáticas abordadas na escola - brincadeiras, imagens, músicas e histórias - que na maioria das vezes não se relacionavam com minha

Larissa de Paiva Alves, graduanda do curso de pedagogia (UnB), sob orientação da Professora Poliana Rezende Soares Rodrigues (UFPI) lotada no Departamento de Teorias e Fundamentos da Faculdade de Educação da UnB.

² Música: Mandume, 2015 – Emicida.

Participações: Muzzike, Raphão Alaanfin, Drik Barbosa, Rico Dalasam, Amiri.

realidade de jovem negra em busca de reconhecimento e autoconhecimento nesse ambiente.

Durante atividades que abordavam questões raciais, a sensação que ficava era de que se tratava de uma conversa sobre "os outros", sobre a cultura "dos outros", diálogos mais generalizados e com pouco impacto. Entre 2015 e 2017 estive no ensino médio, mas foi fora da escola que comecei a ter contato com outras referências culturais, principalmente por meio da música. Foi nesse período que comecei a compreender a importância do rap para a minha formação. Em 2016, consegui ir para a escola com meu cabelo solto e natural, sem medo de ser rejeitada. Antes eu só usava cabelo solto quando estava com ele escovado e liso.

Atualmente, tenho 23 anos e uma irmã de 7 anos que frequenta a mesma escola pública em que estudei nos primeiros anos. Ao me deparar com os livros, músicas, atividades e figuras apresentadas em sua sala de aula, a sensação é de que pouca coisa mudou. Os materiais apresentados não refletem o contexto em que a escola está inserida, no qual a maioria dos/as alunos/as é negra.

É essencial que haja estudos e pesquisas que abordem essa problemática, da falta de representatividade da cultura negra dentro das escolas, a fim de repensar uma educação verdadeiramente inclusiva e diversa, valorizando e respeitando as diferenças que existem em nossa sociedade. É fundamental construir um repertório eficaz para o ensino da história e cultura afro-brasileira, que promova a valorização da nossa diversidade e o combate ao racismo estrutural presente nas escolas.

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da cultura do hip hop, especialmente o RAP, na formação da identidade racial e política de crianças e jovens negros/as, além de explorar o potencial do RAP no processo de ensino-aprendizagem. Partindo de experiências pessoais, foi realizado um levantamento das pesquisas acadêmicas sobre o RAP e a educação, a fim de observar as discussões existentes. Além disso, foram analisadas as letras de algumas músicas desse gênero que fazem parte da minha história, e dialogam com a temática abordada neste trabalho.

A educação dentro e fora das escolas

*Rap é pra geral, pretos, brancos, ricos, pobres
Ok, mas nós sabe qual lado que morre*

*Então sem maquiagem fiz os pretos se achar bonito em frente ao espelho
Se amando do próprio jeito, fazendo do nosso jeito
E nunca de qualquer jeito (jamais, jamais)
É desse jeito.³*

A educação formal muitas vezes falha em oferecer um ambiente inclusivo, respeitoso e valorizador da identidade e cultura negra. Em vez de promover o reconhecimento e a valorização da diversidade étnico-racial, a escola reproduz estereótipos, preconceitos e desigualdades, impactando diretamente a construção da identidade negra.

Ao negligenciar a importância da representatividade e do ensino de uma história que contemple a contribuição da população negra, a educação formal perpetua um imaginário pedagógico desigual. Isso cria um ambiente no qual estudantes negros/as encontram dificuldades para desenvolver uma identidade positiva, pois são confrontados/as com uma visão que os olha e trata de forma desigual em relação à sua cultura e história. “Não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual.” (GOMES, 2002, p. 41).

A escola, enquanto espaço de socialização e formação, desempenha um papel fundamental na construção da identidade. No entanto, quando o olhar lançado sobre o negro e sua cultura é permeado por estigmas, discriminação, segregação e negação, a educação falha em cumprir sua missão de formar cidadãos plenos e contribui para a perpetuação de desigualdades e injustiças sociais.

Ampliando as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento dos indivíduos, a educação não formal cumpre um papel importante ao complementar a educação formal. A educação não formal se caracteriza por ser uma prática intencionalmente educativa, mas que ocorre em espaços e contextos não escolares, como organizações sociais, movimentos sociais, associações comunitárias, entre outros. De acordo com Gohn (1992), a educação não formal desempenha um papel crucial na formação de sujeitos críticos, participativos e engajados socialmente.

³ Música: O Céu É o Limite, 2018 – Devasto Prod.
Participações: Rincon Sapiência, BK, Rael, Djonga, Emicida, Mano Brown.

Falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico. (GOHN, 1992, P. 17).

Diante da falta de apoio nas escolas convencionais, o movimento do RAP tem ganhado força nos espaços educacionais não-formais, como as batalhas de rima, nas quais crianças e jovens negros/as se sentem representados/as, ouvidos/as e incluídos/as nesses espaços de aprendizado mais flexíveis, abertos e diversificados, que estimulam a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico dos sujeitos, contribuindo, assim, para uma formação mais completa e cidadã.

A educação não formal deveria ser um complemento e não suprir a falta nas escolas convencionais. A educação formal muitas vezes deixa a desejar ao não oferecer um ambiente inclusivo, respeitoso e valorizador da identidade e cultura negra. Ao negligenciar a importância da representatividade e do ensino de uma história que considere a contribuição da população negra, a educação formal perpetua desigualdades. A educação não formal, por sua vez, desempenha um papel importante ao complementar a educação formal, oferecendo espaços e contextos não escolares onde os indivíduos podem desenvolver-se de forma crítica, participativa e engajada socialmente. Nesses espaços, como nas batalhas de rima do movimento do RAP, crianças e jovens negros encontram representação, inclusão e aprendizado mais flexível, aberto e diversificado, estimulando sua autonomia, criatividade e pensamento crítico, confiando assim para uma formação mais completa e cidadã.

RAP - Ritmo e Poesia

*Diferente socialmente, quando convém iguais
Interessante! Nos forjam pra camuflar seus flagrantes
É lindo em Woodstock, não pode no baile funk
O Cazuza negro é nóia e traficante
É lindo em Woodstock não pode no baile funk
O Cazuza negro é nóia e traficante*

O Cazuza negro é nóia e traficante

*O Cazuza negro é nóia, nóia e traficante*⁴

Para compreender melhor o impacto social que o RAP possui e pode vir a ter, é fundamental adquirir conhecimento sobre sua história e origem dentro do movimento hip hop. O movimento cultural do hip hop surgiu nos Estados Unidos, principalmente através da expressão de jovens afrodescendentes e latinos que viviam em comunidades marginalizadas na cidade de Nova Iorque, no final da década de 1970. Ele se consolidou a partir da integração de quatro elementos-chave: o DJ⁵, MC⁶, break⁷ e Graffiti⁸. Posteriormente, o conhecimento também foi incorporado a esse conjunto. A interação entre o DJ, responsável pela produção musical, e o MC, responsável pela performance vocal, deu origem ao RAP - abreviação de "Rhythm and Poetry", que significa Ritmo e Poesia (tradução livre). Essa era a forma de lazer dos jovens negros e latinos marginalizados que cada vez mais foi se desenvolvendo e se relacionando com outras linguagens artísticas." (MIRANDA, 2006, p. 32).

A chegada do RAP no Brasil ocorreu durante a década de 1980, principalmente por influência dos discos importados e das conexões com a cultura hip hop nos Estados Unidos. Presentes nos bailes blacks, os bailes tinham um caráter festivo e eram marcados pela presença de DJs que mixavam músicas, além de apresentações de danças como o breakdance. "Todos se deleitavam, bem como se sentiam envaidecidos nos bailes, pois sabiam que estavam num lugar onde seu charme seria notado, sua beleza reconhecida e suas potencialidades valorizadas" (DOMINGUES, 2009, p. 5). Com o tempo, os bailes Black se tornaram um importante ponto de encontro para a disseminação do RAP, contribuindo para o fortalecimento do movimento hip hop no país.

O RAP destacou-se por sua denúncia direta, trazendo uma exposição incisiva das desigualdades sociais, revelando as injustiças sem rodeios. "Diferente da ironia tênue, do sarcasmo discreto e complexidade melódica presentes na MPB, o RAP

⁴ Música: Cachorraz Kamikaze, 2019 – Tasha & Tracie, Ashira.

⁵ É uma sigla em inglês que significa disc jockey, artista que seleciona e reproduz diferentes composições musicais.

⁶ "MC" deriva da palavra em inglês "Masters Of Ceremony", que em português significa "Mestre de Cerimônias".

⁷ Estilo de dança de rua.

⁸ Arte urbana que socializa desenhos e pinturas com críticas sociais

apresenta uma denúncia escancarada dos abismos sociais que existiam no Brasil dos anos 1980 e continuam existindo até hoje.” (DE LIMA, 2019, p.47).

O RAP emergiu nas comunidades negras urbanas como uma forma de dar voz à realidade vivida pela juventude negra. As letras carregadas de críticas sociais, denúncias de reclamações e relatos de experiências pessoais refletem a realidade e as dificuldades enfrentadas por essa parcela da sociedade. Justamente por ser originário das comunidades negras e periféricas são alvo de preconceito racial e cultural, refletindo o racismo estrutural e a marginalização da nossa comunidade. O preconceito contra o RAP está enraizado em estereótipos e generalizações negativas associadas ao gênero musical, como violência, criminalidade e linguagem ofensiva. Além disso, o RAP enfrenta críticas por abordar questões sociais, raciais e políticas de maneira direta, o que pode gerar desconforto em pessoas que preferem evitar confrontar tais questões.

Ao superar o preconceito e abraçar a potencialidade do RAP, podemos promover uma proteção mais ampla e inclusiva dessa forma de arte. Reconhecendo seu impacto e valor dentro da nossa cultura, por meio do RAP os artistas têm a capacidade de abordar uma ampla variedade de herança, desde questões sociais e políticas até conhecimentos em história, ciência, literatura e muito mais. Eles podem condensar informações complexas em letras e rimas, tornando-as mais acessíveis e memoráveis. Dessa forma, o RAP pode ajudar a educar e conscientizar o público de uma maneira criativa, envolvente e significativa.

O RAP, portanto, é uma ferramenta de empoderamento, especialmente para jovens negros/as e de comunidades marginalizadas. Ao verem artistas de RAP compartilhando suas experiências e narrativas, eles podem se identificar e se sentir representados, fortalecendo sua autoestima e confiança. O RAP também pode transmitir mensagens de superação, resiliência e inspiração, incentivando ouvintes a perseguirem seus sonhos e enfrentarem os desafios que encontram em suas vidas. Muitas vezes apresentam narrativas que questionam os estereótipos raciais, resgatam a história e a cultura afrodescendente, e promovem sua valorização.

Para além do dia 20 de novembro

A Lei nº 10.639/2003, ao estabelecer a inclusão do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e a contribuição

do povo negro na formação da sociedade nacional no currículo escolar, representa um avanço importante para promover a valorização da cultura afro-brasileira e combater o racismo. Essa medida busca preencher uma lacuna histórica e promover uma educação mais inclusiva, que reconheça a importância da história e das contribuições dos negros para a formação do país.

No entanto, é fundamental ir além da mera obrigatoriedade legal. A efetiva implementação desses conteúdos nas escolas ainda enfrenta desafios experimentados. É necessário investir na formação de professores/as, elaboração de materiais didáticos adequados e promoção de espaços de diálogo e reflexão sobre a temática racial. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, está presente um trecho que expõe essa ideia.

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. (BRASIL, 2004, p. 13)

É preciso garantir que o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira não seja tratado de forma superficial e em breves momentos, mas integrado de maneira transversal todas as disciplinas, a fim de promover uma visão mais abrangente e contextualizada.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. (BRASIL, 2004, p. 15)

A frase “A escola e seus professores não podem improvisar”, destacada anteriormente, ressalta a importância de uma formação adequada para os professores e professoras, que apresente o ensino efetivo da História e Cultura Afro-Brasileira. Embora a Universidade de Brasília (UnB) tenha sido pioneira no debate das cotas raciais, é preocupante observar que a disciplina de Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) ainda seja opcional no currículo do curso de Pedagogia e nas demais licenciaturas. Essa lacuna na formação acadêmica evidencia a necessidade urgente de revisar e fortalecer os programas de formação docente, assegurando que

os/as futuros/as educadores/as estejam devidamente preparados/as para lidar com as questões de diversidade étnico-racial, promovendo assim uma educação mais inclusiva e antirracista.

Apesar da ausência de debates sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas disciplinas obrigatórias, é encorajador observar que um número significativo de trabalhos acadêmicos vem se dedicando a explorar essa temática. Além disso, a potencialidade do RAP como ferramenta de ensino também tem ganhado destaque nos debates, visando uma educação que dialogue de forma relevante com crianças e jovens negros/as. Essa abordagem reconhece a importância de utilizar recursos culturais e artísticos que se conectem com suas vivências, permitindo uma aproximação mais significativa e engajadora com o conteúdo.

Pedagoginga

*Não! Abre logo a porra do cofre
Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento
Eu não quero mais estudar na sua escola
Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro⁹*

"Pedagoginga" é uma música do artista brasileiro Thiago Elniño, com participações de Sant e KmKz. A canção mescla elementos do RAP e da música brasileira, apresentando uma batida envolvente e letras que abordam questões sociais e políticas. Ao longo deste capítulo, serão feitas análises mais sistemáticas em torno dessa letra, proporcionando reflexões mais aprofundadas.

Thiago Elniño é MC, educador popular e pedagogo, reconhecido por sua abordagem de temas sociais e políticos em suas músicas. Além disso, ele traz sua perspectiva pessoal e experiências de vida para sua arte. Nascido no interior do Rio de Janeiro, começou a rimar por volta de 2005 e logo passou a frequentar batalhas

⁹ Música: "Pedagoginga", 2017 – Thiago Elniño.
Participações: KMKZ, Sant.

de MC's¹⁰. Thiago encontrou na música uma forma de expressar suas vivências e transmitir mensagens relevantes sobre a realidade social em que estava inserido.

Vale ressaltar que Thiago Elniño também tem uma relação significativa com a religião de matriz africana. Sua música reflete essa conexão, abordando temas relacionados à espiritualidade, ancestralidade e resistência cultural. Através de suas composições, ele compartilha uma mensagem de respeito e valorização das tradições afro-brasileiras, promovendo a conscientização e compreensão sobre a importância dessas religiões na formação da identidade negra brasileira.

Com a música "Pedagoginga", Thiago Elniño denuncia e traz à tona reflexões sobre desigualdade e rejeição, questões que estão intrinsecamente sujeitas à luta contra o racismo e à promoção da igualdade racial. Ele utiliza sua arte como uma ferramenta de conscientização e educação, abordando temas que estão em consonância com os objetivos da Lei 10.639/03, os quais não vem sendo atingidos nas escolas.

Apesar de ter uma legislação que determina o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ainda não houve uma implementação e efetivação dessa lei por falta de políticas públicas estatais. A música pode ser interpretada como uma forma de controle social que denuncia essa lacuna e como um questionamento à falta de compromisso das escolas e universidades em abordar a história e a cultura afro-brasileira.

Vejamos agora uma breve análise de trechos da música "Pedagoginga", na qual podemos observar as denúncias e críticas que Elniño traz à tona:

*Quando todo campo de conhecimento é válido
Só tem que o homem pálido
Nos vende que somente o seu que serve
Levanta-se a voz daquele que se atreve.*

No trecho acima, podemos perceber uma crítica ao monopólio do conhecimento por parte daqueles que detêm poder e privilégio. A letra denuncia a

¹⁰ Encontro entre mestres de cerimônia, onde duelam entre si com rimas improvisadas, podendo ser a capela ou com beat (batida) com um tempo limitado.

imposição de uma visão eurocêntrica e hegemônica sobre o que é considerado válido e legítimo no campo do conhecimento, marginalizando outras perspectivas e saberes, “mostrando a importância da Decolonização dos Saberes para o rompimento com os processos de ritualização da Educação que interditam saberes e sujeitos colonizados” (GOMES; SATHLER, 2019, p. 01).

*Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava
Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me
falava
Ela explicava, explicava, querendo que eu
Criasse um interesse num mundo que não tinha nada
haver com o meu.*

Podemos identificar uma experiência pessoal que reflete a falta de conexão entre o conteúdo ensinado na escola e a realidade do aluno, onde o protagonista expressa sua dificuldade em compreender e se interessar pelo que era ensinado. Essa desconexão entre a vivência do estudante e o currículo escolar está relacionada à necessidade de as escolas garantirem a inclusão de todos, conforme destacado na oferta: “Precisa, o Brasil, país multi-étnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos...” (BRASIL, 2004, p. 18).

*Não sei se a escola aliena mais do que informa
Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
Depende da história contada e também de quem vai
contar*

Elniño ressalta a importância da história contada e de quem a conta, essas ideias se relacionam com a necessidade de uma educação inclusiva, crítica e que valorize a diversidade de vozes já que muitas vezes somos representados por outros. Critica essa que Lelia Gonzalez também traz:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho

assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.
(GONZALEZ, 1984, p. 225)

A forma como o conhecimento é transmitido também desempenha um papel fundamental na construção de nossa identidade e na capacidade de engajamento transformador. Se o conhecimento é transmitido de maneira unidimensional, limitada ou enviesada, corre-se o risco de perpetuar estereótipos, preconceitos e desigualdades.

*Pra mim contaram que o preto não tem vez
E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me disse o contrário
A escola sempre reforçou que eu era feio
O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra caralho*

*O Hip-Hop me falou de autonomia
Autonomia que a escola nunca me deu
A escola me ensinou a escolher caminhos
Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu*

O hip hop possui uma potencialidade única que vai além das músicas, danças e desenhos, é uma forma de expressão da pluralidade cultural. Ao abraçar essa forma de expressão artística e superar os preconceitos associados a ela, construímos espaços para uma maior compreensão de seu impacto e valor dentro da nossa cultura. Atuantes do RAP apresentam uma grande habilidade em trazer informações complexas em letras e rimas cativantes, tornando-as acessíveis e memoráveis para ouvintes. Essa habilidade criativa permite que o RAP seja uma ferramenta eficaz de educação e conscientização, alcançando um público diversificado de maneira envolvente e significativa. Ao reconhecer e valorizar a potencialidade do RAP, estamos abrindo espaço para uma arte transformadora.

O hip hop é meu Quilombo

*Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é*

Tudo que nós tem é isso, uns ao outro

*Tudo o que nós tem é uns ao outro, tudo*¹¹

Seguindo esse pensamento “O HIP HOP É UM QUILOMBO”, Thiago Elniño apresenta uma descrição de quilombo que dialoga com o conceito que Abdias Nascimento trouxe em 1980. Elniño afirma em uma live (2017), “Eu acredito que o quilombo não é um lugar pra onde a gente foge, o quilombo é um lugar que a gente vai pra tá junto e se reforçar, o HIP HOP é um quilombo”¹². Nascimento (1980) traz o termo “Quilombismo”, uma base teórica e prática, que orienta a nossa luta coletiva em busca de reconhecimento e valorização para a comunidade afro-brasileira. Além disso, o quilombismo também nos proporciona uma oportunidade de produção a partir das nossas experiências negras, através da nossa oralidade e escrita, construindo juntos/as um projeto de formação que fortaleça e engrandeça a nossa comunidade, é uma forma de reafirmar nossa identidade.

A luta comum dos povos negros e africanos requer o conhecimento mútuo e uma compreensão recíproca que nos têm sido negados, além de outros motivos, pelas diferentes línguas que o opressor branco-europeu impôs sobre nós, através do monopólio dos meios de comunicação, do seu controle exclusivo dos recursos econômicos, das instituições educativas e culturais. Tudo isto tem permanecido a serviço da manutenção da supremacia racial branca. (NASCIMENTO, 1980 p. 40).

O hip hop é um espaço de transformação e luta coletiva que, ao longo de décadas, tem resistido ao preconceito e à invisibilidade impostos pelas classes dominantes. O movimento hip hop começa a ser reconhecido por sua potencialidade em espaços privilegiados, que hoje estão sendo ocupados por pessoas negras, como Max Maciel (Psol), um deputado distrital do Distrito Federal, pedagogo e ativista social. Ele é autor do projeto de lei nº 97/2023, que propõe que o hip hop seja declarado patrimônio cultural e imaterial do Distrito Federal. A Câmara Legislativa aprovou o projeto na sessão deliberativa realizada em 20 de junho de 2023. Esse reconhecimento

¹¹ Música: “Principia”, 2019 – Emicida

Participação: Pastor do Rosário, Henrique dos Santos Vieira Lima, Fabiana Cozza.

¹² Thiago Elniño traz essa reflexão em uma live, em 2017 <https://pt-br.facebook.com/thiago.elnino/videos/sobre-pedagogia/1432436930389272/>

representa um marco importante na valorização e legitimação do hip hop como expressão artística e cultural de grande relevância para a sociedade.

Considerações Finais

Este trabalho buscou evidenciar a importância de repensar a abordagem nas escolas com uma educação que contemple a pluralidade cultural, para promover uma mudança significativa. No entanto, é fundamental ressaltar que essa reflexão é contínua e necessita de contribuições pensadas a partir da perspectiva de políticas públicas. Devemos continuar a explorar e aprofundar o conhecimento sobre as diversas expressões culturais, incluindo o RAP e o hip hop, e sua relevância para uma educação inclusiva.

Para promover uma mudança significativa, é necessário repensar os currículos escolares, incorporando uma perspectiva antirracista e uma abordagem inclusiva. É preciso oferecer espaços de diálogo e reflexão, nos quais sejam valorizadas as identidades e diferenças, além de proporcionar acesso a materiais educativos que contemplem a diversidade étnico-racial em sua totalidade.

A educação formal precisa se reinventar, reconhecendo e valorizando a diversidade presente em suas salas de aula. Somente dessa forma será possível construir uma sociedade mais igualitária, na qual a identidade negra seja respeitada, valorizada e celebrada em todos os âmbitos da vida social, incluindo o espaço educacional, conforme prevê a nossa Constituição.

Referências

GOMES, Lino Nilma. Educação e identidade negra. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002

GHON, Maria da Glória Marcondes. Movimentos sociais e educação 6a ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MIRANDA, Jorge Hilton De Assis. Relação de mercado e trabalho social no hip-hop. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 223, p. 32-41, 2006.

DE LIMA, Luísa Nunes Mendonça. Soul do HIPHOP: A chegada do RAP no Brasil. Revista Convergência Crítica, v. 1, n. 15, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. Os clubes e bailes blacks de São Paulo no pós-abolição: notas de pesquisa. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, v. 25, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas do ensino fundamental e médio, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> . Acesso em: 01 julho 2023.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana> >. Acesso em: 31 junho 2023.

GOMES, Vanilce Farias; SATHLER, Conrado Neves. EU NÃO QUERO MAIS ESTUDAR NA SUA ESCOLA QUE NÃO CONTA A MINHA HISTÓRIA, NA VERDADE ME MATA POR DENTRO PEDAGÓGICA. **ANAIS DO SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E ETNIA**, v. 2, n. 2, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Luiz Antônio Silva (Org.): Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo. Editora Perspectiva SA, 2020

CÂMARA LEGISLATIVA; Distrito Federal; 20/06/2023 <<https://www.cl.df.gov.br/-/hip-hop-sera-declarado-patrimonio-cultural-e-imaterial-do-df>>. Acesso em: 09 julho 2023